

## HISTORIOPORNÔ: NÃO É NADA DISSO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO, OU SERÁ QUE É?

Carlos Adriano Ferreira de Lima  
(UEPB/CH/DH)  
carlosadriano\_@hotmail.com

O título é provocativo como a própria temática analisada. Afinal, não deixa de ser uma tentativa de levantar o longo vestido (tabus) de Clio. Entre a inocência, quase infantil do ato e sua indolência, tentamos ver o que tem por baixo (silenciamentos), a deusa da história entre o hesitante e o exultante, ao ser desnudada, exibindo o que, por vezes tentou ocultar, leva-nos a conhecer melhor o próprio fazer historiográfico e a sociedade na qual as representações pornográficas estão circunscritas. Um novo quadro para a musa do conhecimento histórico.

Nosso trabalho tem como objetivo, apresentar a noção de historiopornô e, a partir da mesma, pensar nas reflexões históricas sobre as representações pornográficas. Para tanto, apresentamos uma bibliografia básica sobre a temática no intuito de auxiliar os jovens pesquisadores. Por conseguinte, fizemos um recorte e escolha de fonte para demonstrar a possibilidade de análise da temática, em consonância com múltiplas fontes históricas, algumas até consagradas pelos historiadores como os arquivos públicos e jornais entre outras como o audiovisual, reconhecido por sua disponibilidade e proporcionalmente pelas dificuldades inerentes as especificidades da leitura técnica.

Para tanto, iniciamos nossa reflexão sobre o que, por hora, propomos com o título do presente texto. Nossa inspiração veio do termo *historiofotia* (*historiophoty*) proposta por Hayden White que, nas palavras do mesmo seria a “*representation of history and our thought about it in visual images and filmic discourse*” (1998, p. 1193). Segundo Robert Rosenstone, o termo seria uma resposta ao artigo publicado na revista *The American Historical Review* sobre a necessidade premente do historiador em estabelecer diálogo com as representações audiovisuais do passado.

Sendo assim, parafraseando a noção de Hayden White apresentada no parágrafo anterior e com alguns ajustes na sua definição para o nosso objeto, pensamos a historiopornô como *a representação da pornografia e do nosso pensamento a seu respeito por parte da historiografia tendo como base as imagens visuais, literatura e*

*discurso fílmico*<sup>i</sup>. Para explicitar melhor nossa reflexão sobre o termo que propomos optamos por explicitar ainda mais o termo em questão.

Historiopornô é a junção entre dois termos aparentemente equidistantes. Primeiro, historiografia, que pode significar a produção de conhecimento realizado pelos historiadores e/ou a reflexão teórica sobre o seu fazer, aquilo que é conhecido como a “história da história”. Em nossa abordagem, nos deteremos no primeiro aspecto acerca da historiografia, sem perder de vista que a dupla definição estará invariavelmente presente em nossa discussão. Sendo assim, nosso trabalho versa sobre a noção de historiopornô que em nosso entendimento corresponde ao trabalho dos historiadores sobre as questões da representação da pornografia.

Chegamos agora na pornografia (pornô) a última parte de nossa proposição. Uma categoria que nas palavras de Dominique Maingueneau (2010, pp. 10-18) serve como elemento de classificação das mais diversas produções semióticas, tais como, livros, filmes e imagens. Segundo o mesmo, o primeiro registro do termo “pornógrafo” em francês provem do escritor N. Restif em sua obra *Le pornographe ou La prostitution réformée*. A palavra derivada do prefixo grego *porné*, que significa prostituta e do qual provém *pornographos*, substantivo para o qual encontramos as traduções de “um autor versando sobre prostituição” e o outro “escritos sobre prostitutas”. Sobre a sua “origem” podemos atentar que

Embora o desejo, a sensualidade, o erotismo e até mesmo a representação explícita dos órgãos sexuais possam ser encontrados em muitos, senão em todos, tempos e lugares, a pornografia como categoria legal e artística parece ser um conceito tipicamente ocidental, com cronologia e geografia particulares. (HUNT<sup>ii</sup>, 1999, p. 10)

Independente da tradução observamos que o termo possui relação direta com uma palavra: sexo. Mas o ato sexual em si, não se institue enquanto pornográfico, ou ao contrário, é isso que o define enquanto pornografia; A temporalidade, ou momento histórico em que surge o nome não é consenso. Dominique Manguineau (2010, p. 13) nos informa que a obra de Restif data de 1769, o registro do termo pornógrafo, enquanto a palavra pornografia seria do início do século XIX.

Para Lynn Hunt (1999, pp. 10-11) alguns estudiosos datam do século XVIII e XIX a origem da noção moderna o que entra em consonância com os dados de

Maingueneau. Todavia, as principais fontes de uma tradição pornográfica provêm da Itália do século XVI e na França e Inglaterra dos séculos XVII e XVIII no sentido mais comum do termo até hoje. Ao menos sobre a origem do termo como o conhecemos existe certo consenso. O que é mais complicado, é sobre o que significa, ou do que trata, conforme observamos,

A pornografia representa, ou **evoca claramente**, um aspecto da natureza, ou da atividade sexual de um ou de vários seres humanos. E seu efeito principal (talvez único) é estimular a libido do usuário, seja qual for a intenção do criador. (BERTRAND, CARVAIS in MAINGUENEAU, 2010, p. 15) (grifo nosso)

Para Maingueneau (2010, pp. 15-16) ao utilizar *evoca claramente*, em lugar de representar, os autores tendem a demonstrar o caráter direto entre o “sujeito percipiente e o espetáculo de ordem sexual”. O objetivo máximo de estímulo da libido para além das intenções do autor, demonstra a importância do público – no caso do autor, sua abordagem é na literatura e por isso, usa sempre a referência com o leitor.

Pensemos no caso do audiovisual em que as imagens, visuais e audiovisuais com seus enquadramentos e closes, na sua composição, em seus “cortes” e escolhas das partes do corpo que serão exibidas em hiper-realidade; sejam pela visual *hype* ou movimentos de câmera, enquadramentos e demais aspectos técnicos, tais como cenas em *slow motion* ou mesmo evidenciados pela montagem – ou falta dela, no sentido de implementar “realismo” - são recursos técnicos que ao nosso ver não evocam de forma tão clara a atividade sexual, mas, isso sim, um certo tipo de atividade sexual. Aquela que se espera de uma representação do ato sexual no filme pornográfico.

Diante disso, entramos na questão da pornografia enquanto gênero cinematográfico. Partindo do pressuposto que reconhecemos um *western* em poucos instantes assistindo aos filmes do gênero, assim como os musicais e mesmo no subgênero como o *noir*, podemos, reconhecer um filme pornográfico por suas especificidades enquanto gênero cinematográfico. Sobre essa questão:

The historical evidence produced by our epoch is often as much visual as it is oral and written in nature. Also, the communicative conventions of the human sciences are increasingly as much pictorial as verbal in their predominant modes of representation. Modern historians ought to be aware that the analysis of visual images requires a manner of "reading" quite different from that developed for the study of written documents. They should also recognize that the representation of historical events, agents, and processes in visual images

presupposes the mastery of a lexicon, grammar, and syntax-in other words, a language and a discursive mode-quite different from that conventionally used for their representation in verbal discourse alone. (WHITE, 1998, p. 1193)

Vivemos uma sociedade produtora e consumidora de audiovisual. A ampliação de suportes de exibição e produção deste tipo de material ainda não encontra sua contrapartida na problematização. Interessa-nos compreender como uma sociedade permeada pela profusão de sons e movimentos decodifica os signos e significantes presentes nesse mundo em que a pornografia é possível e acessível de forma tão ampla.

Ainda no tocante a citação de Hayden White, a questão do domínio de um “léxico, gramática ou linguagem” é crucial. Cada janela<sup>iii</sup> requer um conhecimento próprio de suas especificidades. Como nosso suporte são os filmes, o recomendável é a leitura de uma bibliografia mínima sobre a linguagem cinematográfica e do suporte em que a mesma é exibida.

Existe no Brasil, em sua maioria traduzida, uma considerável bibliografia sobre a linguagem cinematográfica. Alguns como aqueles que citamos no presente texto, são ótimos para uma leitura preliminar do tema. Sugerimos de Jacques Aumont, seja como autor ou coordenador, os livros “Dicionário teórico e crítico de cinema” (2003) pela síntese dos principais conceitos relativos ao cinema, do mesmo temos também duas obras de grande valia: A estética do filme e A imagem. Uma dificuldade encontrada por quem decide trabalhar com o audiovisual é reconhecer os múltiplos elementos que compõe o espaço cinematográfico, o reconhecimento de sua diegese e dos elementos para ou extra-diegéticos, de acordo com autor. Para tal questão Laurent Jullier e Michel Marie, suprem com seu trabalho “Lendo as imagens do cinema” (2009) a questão da leitura técnica preliminar das imagens. Outro texto que merece destaque é o “clássico” “A linguagem cinematográfica” (1985:2007) de Marcel Martin pro seu didatismo, mesmo sendo voltado para um “cinema clássico” seus ensinamentos são preciosos para a leitura do suporte fílmico.

Acrescentamos os trabalhos “A narrativa cinematográfica” e a “Linguagem Secreta do cinema, respectivamente escritos por André Gaudreault com François Jost e o outro por Jean-Claude Carrière pela discussão sobre as especificidades da narrativa e linguagem cinematográfica. Para além desses, e, centrados no debate histórico, o livro

“cinema e História” do historiador francês Marc Ferro, e dos historiadores norte-americanos sugerimos “Passado Imperfeito” de Mark Carnes e “A história nos filmes: Os filmes na história” de Robert A. Rosenstone, ambos apresentam leituras distintas mas de grande valia para o debate historiográfico sobre as imagens em movimento. Todos os livros citados são cruciais, conforme nos lembra Hayden White,

We are inclined to treat the imagistic evidence as if it were at best a complement of verbal evidence, rather than as a supplement, which is to say, a discourse in its own right and one capable of telling us things about its referents that are both different from what can be told in verbal discourse and also of a kind that can only be told by means of visual images. (1998, p. 1193)

Lembramos que nenhum dos livros citados até o momento possui na questão pornográfica seu núcleo ou mesmo transitam em torno. Funcionam mais como indicações para o (re)conhecimento das especificidades da linguagem, condição essencial para a análise cinematográfica. Existe todo um preconceito lingüístico com o termo, o peso da nomeação. O que ocorreu com a palavra pornografia é o exemplo disso. Pode significar para além da representação sexual, mau gosto e mesmo os dois ao mesmo tempo. Entenda-se como mau-gosto a ênfase excessiva em determinadas partes e posições do corpo. Uma síntese desse pensamento vem na frase abaixo,

Uma demonstração disso é o caráter eminentemente pejorativo do adjetivo “pornográfico”, cuja utilização basta para desqualificar tudo aquilo a que esteja associado. (MAINGUENEAU, 2010, p.9)

Somos lembrados que a generalização do termo e sua própria acepção no senso comum são considerados sinônimos de algo ruim. E, de certa forma isso auxilia na instituição do mesmo como um tabu. Percebido aqui para além da escala do senso comum, em nosso caso, historiográfico, precisamos reconhecê-lo, pois,

Quebrar tabus exige ousadia para dizer o não-dito; da mesma forma como requer prudência e coragem [...] E tudo que é ousado, por si só, está fora do lugar, pois implica desacato e atrevimento. Atrevimento para expor aquilo que, por uma questão moral, jurídica ou política não deve ser dito. Daí a quebra de tabus revelar silêncios propositais da História que, por si só, também são história. E a nossa História – por descuido de alguns ou negligências de muitos – se faz lapidada por tabus, caracterizando uma certa inércia por parte dos historiadores. (FERRO, 2003: 7)

Aqui começa um problema. Para alguns, pornográfico é o que ocorre depois do erotismo. O erotismo é permitido e até desejável, afinal, o seu nome provem de Eros,

divindade do amor, o pornográfico, vem da prostituição, semanticamente distintos o último é considerado permissivo e geralmente repulsivo. Os incômodos causados pelo que é ou não pornografia, auxiliam na perpetuação do tabu.

Nosso exemplo de análise do discurso pornográfico vem do período ditatorial brasileiro, e, possui como base a pornografia produzida no período. Utilizamos a cronologia “clássica” para o período (1968-1988). Os motivos para escolha se devem pelas práticas de censura impostas no período, em defesa daquilo que foi intitulado como moral e bons costumes tão presentes os processos da época. Contudo, precisamos delimitar que o termo *pornochanchada* não cobre toda a produção pornográfica do período, terminando por encapsular produções tão distintas entre si e desconsideram, por exemplo, a produção plural da *boca do lixo*, as duas alias, marcadas pelo preconceito, conforme observamos no comentpário abaixo

[...]inúmeros jornalistas especializados sempre insistiram em classificar o cinema feito na Boca do Lixo como um estilo. Qualquer realização de lá era identificada como pornochanchada, outro rótulo pejorativo (agora já perdeu essa carga) para designar a comédia maliciosa ou de costumes, mas que acabou sendo usado de maneira indiscriminada. O clichê, carregado de preconceito, substituiu a análise séria e passou a ser aplicado indistintamente pelos críticos para apontar a produção saída da Boca, fosse de qualquer gênero. (STERNHEIM, 2005, p. 13)

Alfredo Sternheim apresenta que a pornochanchada e boca do lixo são distintos, e sobre o último, cujo nome remetia a sua espacialidade no quadrilátero paulista e não a um estilo de cinema, retirando dos mesmos a categoria de sinônimos e mesmo de pornográficos. Sendo assim, mesmo com pornô em seu início, os filmes assim designados de pornochanchada não necessariamente são obras de cunho sexual explícito, conforme podemos observar no filme que “inaugura” o estilo: “Os paqueras” (1968). Os filmes de sexo explícito, só começam a circular no Brasil a partir dos anos 1980.

Nossa base de dados, preliminar, consiste na documentação sobre os filmes disponíveis no projeto “memória do cinema brasileiro<sup>iv</sup>” sob coordenação de Leonor Sousa Pinto. Entre os arquivos encontramos “processos de censura, material de imprensa e relatórios do DEOPS”, enfim uma ampla documentação sobre o período – atualmente são 444 filmes e um acervo de mais de 14 mil páginas.

Pode parecer contraditório falar em fontes documentais quando defendemos o audiovisual como passível e por que não dizer desejável de ser analisado. A aparente discordância se faz necessário para mostrar que o discurso pornográfico ultrapassa os suportes e que os mesmos estão conectados com múltiplas instâncias sociais, afinal,

Embora possamos reconhecê-la, é impossível que se tenha completa segurança sobre o que é definido como pornografia quando se escreve sua história. É uma história, porém, que precisa ser registrada, particularmente porque a falta de uma definição sugere que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar. (HUNT, 2001:54)

Nossa ideia então é de seu registro. Sem julgamento de valores que sirvam como elemento de omissão dos temas considerados indignos queremos uma Clio lânguida, erótica e pornográfica, exibindo sem pudores o que parte do sociedade permite omitir, desnudar os tabus acadêmicos. Para tanto, selecionamos o filme, e, estabelecemos o diálogo com a documentação da época e nesse íterim como os discursos da censura produzidos sobre as representações fílmicas consideradas pornográficas.

Nisso, vem uma questão pertinente. Afinal, o que era pornográfico nesse período? Analisando os filmes percebemos que, em grande parte, é entendido como pornográfico o uso de palavrões, cenas consideradas pejorativas ou de negação do que se espera de uma sociedade cristã e desvinculada de práticas políticas ou sociais ditas deploráveis, ou seja, pornografia aqui não é apenas a representação do ato sexual, mas tudo que vá de encontro ao que se espera de modelo ideal de sociedade. Pelo seu caráter inicial, estamos na etapa de triagem e seleção dos filmes, esperamos nos próximos textos, apresentar um debate estabelecendo os diálogos entre os filmes e os documentos da censura.

Para finalizar e tendo como base as idéias de Manguineau (2010, p. 13) em que no grego antigo *pornographia* era a designação de um gênero pictórico e que, no século XVIII, a noção de “quadro” servia para além da pintura como “um dos termos chave dos textos pornográficos. Pensamos no conhecimento histórico como um quadro (temas) que precisa de tintas (debates e problematizações) que coloquem mais calor e excitação na cena representada (trabalhos acadêmicos).



Ansiamos isso sim, por uma Clio (conhecimento histórico) nua. Parece-nos ainda que a musa do conhecimento está mais para a jovem que posa para Johannes Vermeer em seu ateliê com seu longo vestido e portando os símbolos que a identificam: um instrumento musical (difusão) e um livro (conhecimento). Desejamos que coloque os instrumentos de lado e se dispa dos pudores. No primeiro momento à Vênus de Botticelli, mas, ao contrário dessa sem preocupar-se em esconder seu corpo (conhecimento). Depois deitada como a Maya desnuda de Goya e por fim, uma Clio deliciosamente despudorada e indiferente aos julgamentos, digna de ser retratada por Coubert na *origem do mundo*. Essa é a musa que nos interessa: devassa e indiferente aos dogmas acadêmicos e sociais e assim, pulsante, viva e estimulando os desejos de seus seguidores.

#### **Bibliografia:**

FERRO, Marc. **Os tabus da História**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HUNT, Lynn (org.). **A invenção da pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800**. São Paulo. Hedra: 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. Parábola Editorial, São Paulo, 2010.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes: os filmes na história**. Tradução Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

STERNHEIM, Alfred. **Cinema da boca: dicionário de diretores**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

WHITE, Hayden. "**Historiography and Historiophoty**," *The American Historical Review* Vol. 93, No. 5 (Dec., 1988), pp. 1193-1199

---

<sup>i</sup> Frase original: A representação da história e do nosso pensamento a seu respeito em imagens visuais e discurso fílmico. (WHITE in ROSENSTONE, 2010, p. 44)

<sup>ii</sup> Sobre a historiadora é digno de nota que a grande reflexão historiográfica sobre o tema vem do livro sob sua coordenação: *A invenção da pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800*.

<sup>iii</sup> É a designação para os diferentes suportes que a mídia pode ser exibida. Exemplo disso, no audiovisual é a exibição no cinema, televisão, steaming, dispositivos móveis.

<sup>iv</sup> Disponível no sítio eletrônico: <http://www.memoriacinebr.com.br>